



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB
FACULDADE DE PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MADALICA RODRIGUES PEREIRA DAS VIRGENS

**MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE
FALA, EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO**

**BRASÍLIA - DF
2022**

MADALICA RODRIGUES PEREIRA DAS VIRGENS

MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE FALA,
EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Orientadora: Dra. Joelma Rodrigues da Silva (FUP/UnB)

BRASÍLIA- DF

2022

MADALICA RODRIGUES PEREIRA DAS VIRGENS

Data de Aprovação: 07/ 11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Joelma Rodrigues da Silva (UnB - FUP) - Orientadora

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (UnB - FUP) – Examinador

Prof.^a. Dr.^a. Elizana Monteiro dos Santos (UnB - FUP) – Examinadora

Brasília – DF

2022

Dedico este Trabalho a minha família (minha base), a minha orientadora Joelma Rodrigues da Silva, amigos, professores, a todas as mulheres, em especial as mulheres negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, a minha família que sempre foi minha base em tudo, ao meus pais pela minha criação na qual me tornei uma pessoa responsável com prioridade aos princípios educativos de respeito a vida do próximo, ao meu filho por tornar-me um ser melhor todos os dias, as minhas irmãs e meu cunhado/ compadre que sempre cuidaram do meu filho enquanto eu estava em tempo universidade do curso.

Agradeço a minha orientadora e inspiradora Joelma Rodrigues, por me apoiar sempre nos momentos imprecisos.

Agradeço a minha amiga Iraídes Moreira Dias, por me inscrever no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC/FUP, que acreditou na minha capacidade mesmo vivenciando a minha falta de interesse de realizar um curso superior no momento da inscrição para o vestibular. A minha amiga Arlene da Cunha Rodrigues, que sempre me ajudou, dentro e fora da universidade, com diálogos e compartilhamentos de conhecimentos, nos momentos de dificuldades ao longo do curso, trazendo sempre os pontos positivos da importância de ampliar conhecimento e me tornar uma pessoa mais humana e batalhadora.

Agradeço a minha amiga Geni Gonçalves Ferreira, por disponibilizar do seu precioso tempo para compartilharmos experiências diárias, sobre os desafios enfrentados por nós estudantes de classe menos favorecida ao ingressar na graduação. Durante nossas reflexões tivemos oportunidade de dialogar sobre nossas dificuldades de compreensão da linguagem acadêmica, partilhamos também as dificuldades de inserção no meio acadêmico e a persistência para não desistirmos, mesmo com tantas barreiras impostas pelo sistema excludente. Agradeço a todos (as) Docentes da LEdoC e equipe da Faculdade UnB Planaltina (FUP), todos (as) contribuíram de forma direta e indireta na minha formação acadêmica e empírica! Em especial a equipe de limpeza e alimentação da FUP, historicamente tratadas como profissionais invisíveis.

Aos professores (as) regentes de estágios, Eva Fernandes, Sivaldo Marques, Sulene Francisco, Genilda Sousa, Eriene, Reginaldo, Alair por terem aceitado meus estágios em suas turmas. Ao professor Adão Fernandes, que sempre disponibilizou seu precioso tempo para auxiliar em todos os trabalhos de

pesquisa na escola Santo Antônio extensão Calunga 1, na qual ele já atuou como professor, coordenador e diretor. E também a todos docentes e comunidade escolar do Colégio Estadual Calunga 1 – extensão Santo Antônio. Agradeço as minhas entrevistadas por disponibilizarem do precioso tempo delas para responder os questionários da minha pesquisa de forma aberta e confiante.

Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.

Djamila Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos apreender os processos de empoderamento feminino na comunidade Kalunga Vão de Almas, compreender seus significados e procurar entender os conceitos de “lugar de fala”, “empoderamento”, e “protagonismo”. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa exploratória, com base nos referenciais teóricos estudados durante a preparação para a realização da pesquisa de campo. Os teóricos que recorreremos para desenvolver a pesquisa foram, Creswell (2007) e Gil (2010). Através desse trabalho buscamos compreender o espaço feminino conquistado pela mulher kalunga do Vão de Almas e como elas se organizam para ocupar esse lugar, e em quem elas buscam exemplos para continuarem na luta pelo reconhecimento da participação feminina nas tomadas de decisões relacionadas a comunidade. Esperamos contribuir para o empoderamento feminino na comunidade kalunga do Vão de Almas, pois as mulheres negras vêm conquistando seus lugares de fala em processo lento, mas de forma positiva. Essas conquistas vêm ganhando forças devido ao incentivo das matriarcas que lutaram e deixaram seu legado de lutas, sempre trazendo protagonismo e incentivo para juventude. Nesta pesquisa trabalhamos com as seguintes autoras: Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Scholastique Mukasonga, Angela Davis, Helena Theodoro, Bell Hooks, Cristiane Sobral, Joelma Rodrigues da Silva, Nah Dove e Joice Berth. Essas e outras autoras e pesquisadoras possibilitam que observemos as atuações/lutas das mulheres, e que nos aproximemos das histórias (passadas e presentes) das mulheres da comunidade Kalunga de Vão de Almas.

Palavras-chave: Mulheres negras; Lugar de fala; Empoderamento; Protagonismo.

ABSTRACT

The goals of this paper are to understand the processes of female empowerment taking place in the Kalunga community called Vão de Almas, to realize the meanings of such processes and to comprehend the concepts of "place of speech", "empowerment" and "protagonism". The method of inquiry was the exploratory (qualitative) research, based on the following authors: Cresswell (2007) and Gil (2010). Throughout this paper we seek to comprehend the participatory spaces reached by the Kalunga women from the Vão de Almas community, how these women organize themselves in order to occupy such loci, and who are the role models for them to continue the struggle for the recognition of the women's rights to be part of the decision making processes regarding the Kalunga Vão de Almas community. With this paper we aim to contribute to the female empowerment in Vão de Almas community, for the women in there have been assuming control of their places of speech in a positive way, but at a slow pace. Such accomplishments have been strengthened due to the incentives coming from the matriarchs who have fought for the community and thus have built their legacies, which are always inspiring for the younger generations. Finally, in this research we also make references to works by the following authors: Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Scholastique Mukasonga, Angela Davis, Helena Theodoro, Bell Hooks, Cristiane Sobral, Joelma Rodrigues da Silva, Nah Dove and Joice Berth. These authors/researchers and others allow us not only to observe the womens actions in general, but also to find out more about the stories of the women in the Kalunga Vão de Almas community.

Keywords: black women; place of speech; empowerment; protagonism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: METODOLOGIA.....	13
1.1.....Caracterização da pesquisa	13
1.2.....Contexto da Pesquisa	14
1.3.....Instrumentos de da pesquisa.....	19
1.3.1..Entrevistas: Mulheres da comunidade Vão de Almas	19
CAPÍTULO II: MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE FALA, EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO	26
2.1.....Lugar de Fala	26
2.1.2..Teatro do Oprimido: ocupação dos lugares de fala	29
2.2.....Empoderamento Feminino.	31
2.3.....Protagonismo.	33
2.4.....A Licenciatura em Educação do Campo.....	34
CAPÍTULO III: MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE FALA, EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO	36
3.1.....Empoderamento da Mulher Negra na Comunidade Vão de Almas	36
3.2.....Pertencimento Racial	36
3.3.....Comunidade Kalunga: Poder Feminino	37
3.4.....Mulher de Fala: A Kalunga Inspiradora	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
ANEXOS.....	40
APÊNDICES	42
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo buscar entender como as mulheres da comunidade Kalunga de Vão de Almas – Cavalcante/GO trabalham os processos de empoderamento e em quem elas se espelham para prosseguir, em suas jornadas contínuas, objetivando ocupar seus espaços de fala nas relações de poder na comunidade. Para compreender esses processos realizamos a pesquisa qualitativa exploratória de cunho narrativo, objetivando compreender os conceitos de *lugar de fala* e *protagonismo* das mulheres negras na comunidade Vão de Almas, no entendimento das moradoras. Durante o trabalho foram realizadas entrevistas com as moradoras da comunidade com auxílio de questionários elaborados por mim, sob a supervisão da minha orientadora. Foram entrevistadas 7 mulheres de com idade entre 18 e 60 anos, escolarizadas e não escolarizadas. O método de pesquisa usado como base foi o método adotado por Creswell.

A pesquisa qualitativa tem o papel de coletar informações de um determinado grupo de indivíduos escolhidos pelo pesquisador. Segundo Creswell, 2007 p. 35):

Por outro lado, uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.

Outro método utilizado foi o método de Gil, 2010. A pesquisa exploratória tem como objetivo aproximar o pesquisador do grupo que ele pretende pesquisar.

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. A coleta de dados pode ocorrer de diversas

maneiras, mas geralmente envolve: 1. Levantamento bibliográfico; 2. Entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. Análise de exemplos que estimulem a compreensão (SEIXTJZ et al., 1967, p. 63). Em virtude dessa flexibilidade, torna-se difícil, na maioria dos casos, “rotular” os estudos exploratórios, mas é possível identificar pesquisas bibliográficas, estudos de caso e mesmo levantamentos de campo que podem ser considerados estudos exploratórios. (SEIXTJZ et al., 1967, p. 63 apud GIL, 2010, p. 27).

Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar. (GIL, 2010, p. 27).

Para realizar uma pesquisa com essa metodologia é preciso que o pesquisador busque uma aproximação com o público entrevistado, com finalidade de obter respostas para o problema levantado/para as questões levantadas, baseando-se nos referenciais teóricos utilizados.

Ao longo da pesquisa busquei a aproximação com as entrevistadas através do diálogo, levantando questões relacionadas a assuntos que poderiam elucidar as respostas apresentadas nos questionários.

As respostas obtidas por meio dos questionários foram fundamentais para concluir meu trabalho, pois através delas obtive as respostas que pretendia coletar para responder ao problema levantado.

As entrevistadas trazem os desafios de enfrentarem o patriarcado, fruto de ideias europeias que, há muitos anos, valorizam as atividades realizadas pelos homens, negando a capacidade das mulheres de realizar todas as atividades de forma igualitária, as mulheres não lutam por superioridade, mas sim para mostrar que elas são capazes de realizar todas as atividades exercidas pelos homens. Para provarem suas capacidades, as mulheres vêm enfatizando a importância de sua participação nas tomadas de decisões, provando sua capacidade por meio das ações realizadas por elas, começando pela busca da valorização da sua própria autoestima. As mulheres batalham diariamente pela própria valorização, essa luta elas herdaram das mulheres mais velhas.

CAPITULO- I METODOLOGIA

1.1. Caracterização da pesquisa

Neste trabalho foram realizadas entrevistas com auxílios de questionários contendo 14 questões. A pesquisa foi qualitativa exploratória de cunho narrativo com objetivo de compreender os conceitos de lugar de fala, empoderamento e protagonismo das mulheres negras na comunidade Vão de Almas, no entendimento das moradoras. Entrevistei 1 mulher não escolarizada e 6 escolarizadas, somando o total de 7 mulheres. As mulheres entrevistadas tem idade entre 18 e 60 anos.

A pesquisa qualitativa tem o papel de coletar informações de um determinado grupo de indivíduos escolhidos pelo pesquisador.

Segundo Creswell (2007 p. 35):

Por outro lado, uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.

A pesquisa exploratória tem como objetivo aproximar o pesquisador do grupo que ele pretende pesquisar.

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: 1. Levantamento bibliográfico; 2. Entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. Análise de exemplos que estimulem a compreensão (SEIXTJZ et al., 1967, p. 63). Em virtude dessa flexibilidade, torna-se difícil, na maioria dos casos, “rotular” os estudos exploratórios, mas é possível identificar pesquisas bibliográficas, estudos de caso e mesmo levantamentos de campo que podem ser considerados estudos exploratórios. (SEIXTJZ et al., 1967, p. 63 apud GIL, 2010, p. 27). Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o

caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar. (GIL, 2010, p. 27).

Para realizar uma pesquisa é preciso que o pesquisador busque uma aproximação com o público entrevistado, com finalidade de obter respostas para o problema levantado/ para questões levantadas, baseando-se nos referenciais teóricos utilizados. A minha proximidade com as entrevistadas existe desde a infância, durante a pesquisa de campo realizei as entrevistas com as mulheres através de conversas abertas no cotidiano, utilizei auxílio de questionários como roteiro para ter como direcionamento as respostas que pretendia obter, e ao mesmo tempo não provocar nenhum tipo de constrangimento para as entrevistadas. Como sou da comunidade, as entrevistadas não demonstraram nenhum constrangimento no decorrer das nossas conversas, foram como se estivéssemos dialogando diariamente.

1.2. Contexto da pesquisa

Vão de Almas é uma das comunidades do território Quilombo Kalunga, localizada no município de Cavalcante Goiás, no Nordeste Goiano que é considerado o maior Território Quilombola do Brasil. Quilombo significa para os moradores, lugar de liberdade e paz, onde as pessoas da comunidade cultivam seu modo de vida sem a interferência dos dominadores. Quilombo é um termo de origem africana que significa grupos, povos guerreiros.

“A palavra quilombo é originária do idioma africano *quimbunco*, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a um grupo étnicos desenraizados de suas comunidades.” (Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em 12 de junho 2022).

No decorrer dos anos os negros trazidos da África para o Brasil para serem escravizados, se espalharam por diversas regiões do país em busca de liberdade.

Na época do sistema escravista no Brasil e na América, os negros que fugiam por não aceitar a condição de escravizados imposta pelos escravocratas eram perseguidos e capturados por esses senhores. Nos processos de resistências à exploração, os negros foram ressignificando os locais de

“esconderijos” para “Quilombos”, lugares onde eles estariam livres e conseguiriam se organizar, de forma coletiva, para lutar contra os escravocratas tendo como aliado o difícil acesso, o que dificultava a captura.

Vão de Almas possui aproximadamente 400 Famílias que habitam na região norte de Goiás, há cerca de 300 anos, vindo em busca de refúgio em locais de difícil acesso formando o território Kalunga que atualmente é considerado Sítio Histórico

Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, devido a preservação da natureza realizada pelos próprios moradores, que sempre buscam preservar os conhecimentos herdados dos ancestrais.

Segundo Costa, (2013, p. 16):

Com mais de 20 comunidades nativas que preservam uma cultura remanescente dos quilombolas, o Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga é uma das maiores riquezas culturais do município de Cavalcante. Dentro do Quilombo são quatro os núcleos dos Kalungas: Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e Contenda.

Os moradores da comunidade Kalunga são descendentes de negros que foram escravizados no norte de Goiás na época da forte extração do ouro. Na luta contra a exploração, os negros escravizados fugiram das minas de ouro em busca de liberdade formando Quilombos espalhados em vários lugares de difícil acesso para não serem capturados e se refugiaram no Kalunga ou Calunga.

Kalunga: São todos os moradores negros das comunidades do território Quilombola que tem suas histórias em comum. Kalunga ou Calunga são palavras de origem africana que foram trazidas pelos negros que foram desembarcados no Brasil na condição de escravizados.

Na África essas palavras estão relacionadas a pessoas importantes após a morte. “Kalunga é uma palavra comum entre muitos povos africanos e foi com eles que ela veio para o Brasil”. (BAIOCHI, 2001, P.31-32). Em algumas regiões do Brasil, Kalunga estava relacionada a crenças religiosas, e se referiam ao lugar dos mortos quando da travessia do Atlântico, travessia essa imposta pelos sequestradores e traficantes de pessoas africanas.

Entre os povos chamados congo ou angola, por exemplo, que foram dos primeiros a serem trazidos para o Brasil como escravos, kalunga era uma palavra ligada às suas crenças religiosas. Ela se referia ao

mundo dos ancestrais. Como já se disse no começo desta história, eles acreditavam que as pessoas deviam prestar culto aos seus antepassados, porque era deles que vinha a sua força. Para eles, o mundo era representado como uma grande roda cortada ao meio e em cada metade havia uma grande montanha. Numa metade da roda, o pico da montanha ficava virado para cima. Mas na outra metade a montanha estava invertida, de cabeça para baixo. De um lado da roda, a montanha de cima representava o mundo dos vivos. De outro, a montanha de ponta cabeça representava o mundo dos mortos, terra dos ancestrais. As duas montanhas eram separadas por um grande rio que eles chamavam de Kalunga. Por isso, para eles, Kalunga era o nome desse lugar de passagem, por onde os homens podiam entrar em contato com a força de seus antepassados. (BAIOCHI, 2001 p. 31-32).

Como o conceito Kalunga /Calunga veio com os escravizados trazidos da África, ele tinha e tem significados muito importantes para os negros africanos. Nas comunidades a palavra ampliou seus significados.

Segundo Baiocchi (2001, p. 32):

Já se vê assim que, se os africanos associavam a palavra kalunga à morte e ao mundo dos mortos, era de um jeito muito diferente do nosso. Para nós, hoje em dia, o cemitério, morada dos mortos, é um lugar triste e assustador. Para eles, kalunga era o que tornava uma pessoa ilustre e importante, porque mostrava que ela tinha incorporado em sua vida a força de seus antepassados. Era assim que agiam os reis, que só governavam enquanto eram capazes de manter seu povo unido em torno dessa força comum dos antepassados. Por isso, no cortejo dos reis e rainhas dos Maracatus, sempre foi obrigatória a presença da boneca que chamam calunga. Ela é um símbolo da realeza africana e do poder dos ancestrais. Mas um dia esses africanos foram aprisionados e trazidos para o Brasil como escravos, atravessando um grande rio, calunga grande, o mar oceano. Então, para eles, a morte passou a ter outro sentido. A morte era um sentimento. O sentimento que os escravos traziam na alma, depois de terem perdido sua liberdade. Por isso eles passaram a chamar de malungos todos aqueles que consideravam como seus irmãos, sobretudo os que tinham vindo juntos da África. Eles eram irmãos porque tinham um mesmo destino. Porque era no mesmo barco, o navio negreiro, que eles tinham feito a travessia da calunga grande. Não era de estranhar que eles aceitassem o nome de calungas que os brancos lhes davam.

Calunga, na comunidade é o nome dado à uma planta amarga que os moradores tomam para eliminar vermes. Ela possui outros significados também.

Segundo Baiocchi (2001, p. 31),

Calunga é uma palavra de muitos sentidos, que se incorporou à língua do povo brasileiro. Quer dizer coisa pequena e insignificante, como o ratinho camundongo que no Nordeste do Brasil se chama calunga ou então catita. E quer dizer também pessoa ilustre, importante. E também é o nome que se dá à boneca que sai nos cortejos dos reis negros dos Maracatus de Pernambuco. E ainda significa a morte, o inferno, o oceano, o senhor, conforme se diz nos livros. Mas, na terra do povo Kalunga, calunga é mesmo o nome de uma plantinha (simaba

ferruginea) e do lugar onde ela cresce, perto de um córrego que também tem esse mesmo nome.

Conclui Baiocchi (2001, p. 32):

No entanto, no quilombo da região da Chapada dos Veadeiros, os antigos escravos africanos encontraram de novo o sentido da força que está na palavra kalunga. Ali, o grande rio Paranã, atravessando todo o território que eles ocupavam, era o que protegia o quilombo do resto do mundo do branco. As terras banhadas por suas águas eram o que permitia a cada um continuar vivo. Ali eles estavam defendidos da morte, que seria certa se tivessem que voltar a ser escravos. O Paranã podia ser, como na África, o rio que separa a vida e a morte. Por isso, naquele território, a presença de uma plantinha que chamam de calunga torna sagrada a terra onde ela cresce. Uma humilde plantinha que cresce numa terra que nunca seca e por isso é boa para plantar o alimento que sustenta a vida. Por isso também as terras onde a calunga cresce não podem ser de uma só família. São de todas, porque são elas que acodem a todos nos momentos de precisão. Uma humilde plantinha que faz lembrar a necessidade da união e da solidariedade de todos. Ela é a marca da realeza africana sustentada pela força dos ancestrais. Por isso ela é símbolo da dignidade do negro e da grandeza do povo Kalunga.

Para os moradores da comunidade quilombola a palavra kalunga/ calunga tem significados muito importantes, pois ela traz forte ligação com os entes que já morreram e também é relacionada a uma planta amarga que existe e é utilizada como medicamento para tratamento de vermes.

O Movimento Negro Unificado (MNU) tem um papel fundamental na luta pelo direito ao reconhecimento das terras ocupadas pela população negra do campo no Brasil como/ enquanto comunidades quilombolas. O MNU com apoio dos meios legais e da legislação (decreto 4887/03), travou uma batalha trazendo vários elementos vivenciados no cotidiano das famílias camponesas, que devem ser considerados como quesitos importantes para o reconhecimento de descendentes e remanescentes de quilombos. Dentre os pontos exigidos pelo movimento estão: A cultura, a forma de organização coletiva, a preservação da natureza, a valorização da ancestralidade, os saberes tradicionais etc.

Com o decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, baseado no artigo 68 da Constituição Federal de 1988, foi possível o Movimento Negro Unificado ganhar forças para lutar pelo reconhecimento e titulação das comunidades ocupadas pelos ancestrais e remanescentes de quilombos.

O Movimento Negro Unificado foi fundado em 07 de Julho de 1978 em São Paulo, com finalidade de lutar contra discriminação racial sofrida pela

população negra. O movimento teve importantes figuras negras atuantes durante a organização de luta, entre elas, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Hamilton Cardoso, entre outros. Para somar forças o MNU contou com apoio de grupos negros de outros países.

O Movimento Negro já se organizava antes, mas expandiu com a prisão e mortes de pessoas negras que estava acontecendo há muitos anos. O assassinato de um feirante, a discriminação de quatro jogadores negros, deram um ponto para convocação do povo oprimido ir para as ruas protestarem contra todos os tipos de violências passadas e contemporâneas.

Em 1978, o MNU convocou a população em geral para reagir à violência racial. Entre as violências daquela época em que o país ainda vivia uma ditadura, estavam a tortura e o assassinato do feirante Robson Silveira da Luz, acusado de roubar frutas em uma feira, no 44º Distrito Policial de Guaianazes, e a discriminação racial sofrida por quatro jovens negros, jogadores de vôlei do Clube de Regatas Tietê. (ALMA PRETA, cotidiano, jul. 2020). Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/movimento-negro-unificado-completa-42-anos-como-fundamento-da-luta>. Acesso em 08 jul. 2022.

Daí então o movimento passou a montar as pautas que precisavam para fortalecer as lutas pelos direitos do povo negro, cobrando do poder público a participação do povo negro nos espaços de poder e formação acadêmica, espaços dos quais sempre foram excluídos. As demandas levantadas e cobradas ao governo do estado de São Paulo na época, levou ao surgimento do primeiro órgão específico para debater a discriminação racial, dando apoio aos movimentos sociais afro-brasileiros em 1984, quando foi criado o Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra.

Através do decreto 4887/03 houve a criação do Instituto de Regularização Fundiária, que torna-se responsável pela emissão de títulos das terras ocupadas pelos povos tradicionais moradores e preservadores da sua cultura e da natureza. Com o apoio do artigo 2º, o decreto 4887/03, define os critérios para os povos como remanescentes de quilombos, a Fundação Palmares ficou responsável por acompanhar a atuação do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária _ com a finalidade de manter a preservação da cultura das comunidades negras remanescentes de quilombos, priorizando a valorização da identidade da população Negra.

1.3. Instrumentos de pesquisa

No decorrer da pesquisa foi realizado o estudo de campo, com técnicas de observação para compreender os processos de empoderamento, realizados por meio das atividades praticadas pelas mulheres da comunidade. Com usos de instrumentos como entrevista oral, escrita e também com auxílio de questionários elaborados com supervisão da minha orientadora.

As mulheres entrevistadas estão na faixa etária entre 18 a 60 anos. O propósito da pesquisa é compreender como as mulheres lidam com a importância do empoderamento feminino na comunidade de acordo com o entendimento delas, com objetivo de identificar em quem elas se espelham para ocupar seu espaço de fala. Nessa pesquisa focaremos nas mulheres da comunidade Vão de Almas, com objetivo de obter resultados dentro do prazo desejado.

1.4. Entrevistas: mulheres da comunidade de Vão de Almas

As mulheres entrevistadas são na maioria lavradoras, solteiras, 6 dessas mulheres são escolarizadas e 1 não escolarizada. Elas são as principais responsáveis pelo sustento familiar ou dividem as despesas com companheiros, trazendo com elas algum tipo de saber empírico/conhecimento. As entrevistadas informaram quais são as atividades desenvolvidas na comunidade, como: realizações festivas, plantações/ produção de alimentos na roça de toco, extração de produtos do cerrado para própria subsistência, entre outros.

As ações desenvolvidas na comunidade são realizadas de forma coletiva, segundo as moradoras. Entre essas ações estão rezas, dança da sussa, preparação para o império, reuniões comunitárias, campanhas de vacinação, entre outras. Percebe-se nas falas das entrevistadas, que atividades coletivas trazem importantes ensinamentos como: auto-organização da própria comunidade, o compartilhamento de conhecimento dos mais velhos para os jovens, a preservação da cultura, a divisão de tarefas entre todas/os.

Em sua entrevista, Vanderleia descreve os vários saberes que foram dos seus/suas ancestrais/ mais velhos (as), tais como: “Modo de produzir alimentos, fazer a casa, festas, respeitar e pedir a benção e chamar de senhor, senhora os

mais velhos da família, tocar, cantar e dançar a sussa, dança tradicional do Quilombo Kalunga”.

Segundo as entrevistadas, os saberes herdados dos mais velhos são de suma importância e devem ser passados de geração em geração para que esses conhecimentos não caiam no esquecimento. E também em busca da valorização do povo negro enquanto sujeito construtor da própria identidade e história. Durante os ensinamentos das mais velhas, acontecem diálogos coletivos nos ambientes festivos, em momentos de plantação, extração de alimentos e em comemoração de datas consideradas importantes pela comunidade.

Para Esther Aline e demais entrevistadas, passar os saberes adquiridos pelos mais velhos é de fundamental importância para a valorização e reconhecimento da identidade da população quilombola, manter os saberes vivos é uma forma de luta e resistência. De acordo com o depoimento de Esther Aline, a transmissão dos saberes proporciona o “resgate e reconstrução e valorização da nossa identidade enquanto sujeitos quilombolas.” Todas as entrevistadas afirmam a importância da memória como ferramenta de resistência para o povo negro.

Perguntadas como as entrevistadas aprenderam a valorizar a própria estética natural, as sete responderam que foi através de incentivos das mulheres mais velhas, principalmente de suas mães. Com base na resposta da entrevistada Josélia, é perceptível como o racismo leva as pessoas a não aceitarem as próprias características negras, herdadas dos seus pais, e as levam a aceitar apenas por não ter alternativa de mudar para características brancas, devido a imposição da ideia europeia de legitimar a pele clara e cabelos lisos como beleza única/padrão.

Tal ideia é explicitada no depoimento da Josélia “Eu me valorizo por que eu não tenho jeito de mudar para branco. Eu conheci que beleza negra é o meu estilo e a minha beleza.” A fala da jovem enfatiza a importância do reconhecimento da existência do racismo estrutural, quando ela diz aceitar a cor da pele dela por não haver outra opção. Essa fala deixa claro como historicamente, a nossa mente foi sendo moldada para aceitarmos o que está disponível para nós, e não o que queremos ou consideramos, na maioria das vezes, não percebemos a presença do racismo estrutural, mas ele sempre existiu e continua afetando psicologicamente a mente da população negra.

As entrevistadas afirmam que o racismo é o principal causador da baixa autoestima do povo negro, pois ele traz historicamente a ideia de que a beleza está associada principalmente a cor da pele e a textura do cabelo (liso). O racismo desconsidera todo conhecimento empírico e diversidade cultural construída pelo povo negro, ele nega e rebaixa toda construção identitária construída e preservada historicamente pelo povo negro. Nos depoimentos de Esther Aline, Ivana e Arlene, elas afirmam como o racismo afeta diretamente o psicológico da população negra: “Sim, pois ele afeta diretamente o psicológico das pessoas levando-os ao estado de depressão entre outras situações.” Ivana Sousa: “Sim, pois o Negro tem sido muito criminalizado, sofrido acusações simplesmente por ser negro, raridade um negro aparecer na mídia da televisão, está bem explícito, é desvalorização do Negro.” Arlene: “Na maior parte sim, como disse antes, a sociedade quer impor uma estética padronizada como: magra de cabelo liso por exemplo, e com isso acaba transmitindo um olhar e sentimento de inferioridade entre as mulheres que não possui essa característica.”

Ao perguntar as entrevistadas se as mulheres usam algum produto químico por não aceitarem seus cabelos naturais, elas afirmam que atualmente poucas ainda usam. No depoimento da Dirani, é perceptível que há alguns anos, as mulheres buscavam usar produtos para alisar os cabelos, elas acreditavam na espessura do cabelo liso como sinônimo de beleza, segundo ela a experiência de usar produtos químicos nem sempre tinha resultado esperado por quem buscava o alisamento. Segundo Dirani;

Quando eu era criança, uma senhora pediu que eu passasse soda cáustica nos cabelos dela. Mas eu não sabia como passava a soda, quando perguntei como passava, ela não sabia responder, e disse é só bater espuma de sabão e misturar com a soda. Ela queria que os cabelos ficassem lisos. Seguindo o pedido dela, eu comecei a passar o produto. Antes de terminar eu percebi que ela estava ficando com poucos fios na cabeça. Avisei a ela que ficou desesperada e decidiu lavar a cabeça. Resultado, ela ficou quase sem cabelo e decidiu não usar mais soda para alisar os cabelos. Só depois descobri que a soda deveria ser usada com ovo. As outras mulheres usavam a soda com ovo.

Percebe-se no depoimento da entrevistada, presenças fortes de diversas violências, como: psicológica, física, pedagógica. Uma mulher adulta, tentava se encaixar em um modelo de beleza definido como “padrão” por parte da sociedade, pedir uma criança para passar um produto alisante no cabelo,

durante o processo de alisamento a criança aprende na prática a realizar esse processo de mutilação, em busca do padrão de beleza hegemônico. Ou seja, uma criança aprendendo a usar um produto químico perigoso para saúde, na tentativa de aproximar da espessura lisa que é aceita pelo padrão da sociedade “branca”.

Dirani aprendeu usar óleo de tingui no cabelo, com as mais velhas. O óleo usado no cabelo não oferece risco a saúde “ Eu gosto de extrair óleo de tingui para passar no meu cabelo, aprendi com algumas mulheres que não usavam produtos químicos.” Tingui/ timbó é uma árvore típica do cerrado, na comunidade é utilizado como madeira para construção de casas, lenha para cozinhar alimentos e suas sementes com aparência de castanha servem para extrair óleos e para a produção de sabão caseiro.

Para as entrevistadas, beleza significa gostar de si mesmas, assumir o jeito de ser, é ser educado (a) com as pessoas, valorizar a própria característica com aprovação dos outros, mas não aceitar a imposição de ser classificadas/avaliadas por outras pessoas de forma que destrua sua auto imagem. A ideia de “beleza” adotada por essas mulheres abarca, então, aspectos físicos, éticos, morais e sociais. A recusa a avaliações depreciativas configura uma importante forma de resistência adotada por essas mulheres, essa resistência – muitas vezes silenciosa – tem sido fundamental na educação/formação das gerações de mulheres negras na comunidade Kalunga de Vão de Almas.

O protagonismo e empoderamento trazem elementos fundamentais para mulher negra, eles dão visibilidade a várias mulheres, trazendo exemplos de aceitação de sua beleza natural. O depoimento da Irene evidencia esses exemplos: “Eu valorizo meu jeito de ser, amo minha estética natural. Aprendi me valorizar com a minha mãe, minha vó e parentes da minha comunidade.”

A maior parte das entrevistadas afirmam já ter enfrentado dificuldades em realizar alguma atividade por ser negra/preta. No depoimento de Vanderléia é nítido como o machismo ainda é fortemente presente na comunidade, devido a adoção de uma cultura, historicamente influenciada pela ideia europeia, de que as mulheres não são capazes de desenvolver todas as atividades realizadas por homens: “Sim, o machismo na minha comunidade é ainda muito evidente. Por

isso, acham que as atividades simples como dirigir um carro é atividade para homens e não para mulher”, afirma Vanderléia.

No depoimento da entrevistada Ivana, é visível as dificuldades encontradas para realizar atividades, por ser negra. Nas escolas urbanas que frequentou quando saiu da comunidade para concluir o Ensino Médio, e também a falta de preparo dos professores que não sabiam como lidar com o preconceito e racismo praticados pelos estudantes. “Bom enfrentei quando fui estudar nas escolas urbana, pois sofri muito preconceito nas sala de aula, por colegas, que recusavam fazer trabalhos juntos comigo por ser negra e praticava preconceito. Eu não conseguia apresentar trabalhos na frente na sala. E o pior observava que a maioria dos professores não enxergava a minha situação, sofria em silêncio.”

É urgente que os/as professores/professoras tenham formação e se comprometam com a luta antirracista, é inaceitável que crianças e adolescentes negros e negras sejam alvo de violências racistas e que a escola seja lembrada como cenário dessas violências.

Na comunidade existe separação de gênero na realização de algumas atividades, tais como canto de folia, curraleira e Império do Divino. Atualmente, é possível perceber participação das mulheres nessas atividades, elas estão ocupando espaços antes ocupados majoritariamente por homens, relata Dirani, “ Nas rezas antes os homens estavam sempre a frente, mas hoje em dia as mulheres já participam de maneira igual.” Há vinte anos os homens tinham muita resistência em aceitar que mulheres assumissem diversas atividades dentro da comunidade. Mas, a persistência da luta das mulheres, há décadas vêm provando que ambos os gêneros têm as mesmas capacidades de ocupar os diversos espaços.

As mulheres batalham diariamente pelo reconhecimento do direito de participar/atuar nos espaços, de forma igualitária, elas lutam para que os homens reconheçam a participação da mulher e sua importância na existência da comunidade. Os homens geralmente, mostraram resistência, mas com a forte luta das mulheres, ao perceberem a importância da participação das mulheres nos diversos lugares, os homens vêm aceitando a participação feminina na tomada de decisões organizativas da/na comunidade.

Em determinado momento, Vanderléia acredita na não existência hierárquica de gênero na comunidade, pois as mulheres realizam a maioria das atividades desenvolvidas na comunidade:

No meu ponto de vista não há separação, o certo é, que a mulher faz quase toda as atividades que os homens faz e muitos homens ainda não se habituaram realizar certas atividades porque acreditam que são atividades que as mulheres tem que fazer. Pensando assim a mulher torna a escrava dos homens. Isso tem mudado muito de certo tempo pra cá na juventude atual. Graças os conhecimentos adquiridos na LEdoC, que tem deixado claro a existência do machismo e trabalha elementos que levem os homens a ter consciência de que é preciso lutar contra o próprio machismo interior que está arraigado entre muitos homens e mulheres da comunidade.

A entrevistada traz a importância do conhecimento acadêmico como ferramenta de reconhecimento da existência do machismo na comunidade e, por meio do conhecimento acadêmico, é possível trabalhar elementos capazes de promover a desconstrução da visão machista, dos jovens e das jovens, para que possam combatê-lo de forma coletiva, e para combater o machismo é preciso reconhecer a sua existência e as formas como interfere na vida das pessoas/indivíduos e das comunidades/coletividades.

Seis entrevistadas responderam que os homens aceitam a participação das mulheres nas organizações da comunidade, mas o depoimento da Vanderleia traz importante consideração de que as mulheres, há muito tempo, estão à frente de todas as organizações da comunidade, mas que, em alguns momentos, as referências são os homens.

Na nossa realidade, as mulheres estão à frente de todas as atividades, mas na hora de aparecer bonito na fita quem se apresenta? São os homens. Um exemplo bem comum é a referência. Nunca vão a casa de Wanderléia, Maria, Joana, vão sempre a casa de Salviano, Joaquim, José, Manoel, se referem naturalmente aos companheiros.

Pode ser um “hábito cultural”, as pessoas referenciam sempre aos homens, por sentirem mais vontade em dirigir-se aos homens, pois não é comum os homens dialogarem com as mulheres casadas da mesma forma que com os seus esposos. As mulheres também não dialogam diretamente com os homens casados, essas são regras de comportamento existentes na comunidade, válidas para todos os moradores da comunidade.

Percebe-se a batalha histórica das mulheres negras pelo reconhecimento da importância da participação feminina nos seus lugares de fala. O

empoderamento e protagonismo negro traz incentivos fundamentais na luta contínua dessas mulheres para ocuparem seus espaços de fala de forma igualitária aos homens, elas estão buscando diariamente o reconhecimento de suas atuações de forma igualitária, provando a sua capacidade de exercer todas as atividades.

Aos poucos as mulheres vão conquistando seus espaços de fala, mostrando suas capacidades de realizarem todas as atividades desenvolvidas na comunidade, como na produção de medicamentos, nas ações/organizações comunitárias, na educação escolar dos filhos (as), na produção de alimentos, nas organizações festivas, na academia, na agricultura familiar, na política e produção científica. Essa luta feminina é contínua para ocupar os espaços de fala, elas consideram atuação feminina de suma importância nas atividades organizativas da comunidade, para as mais velhas e, também, para a juventude. A inspiração de luta tem fortes contribuições deixadas por nossas ancestrais.

CAPÍTULO II: MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE FALA, EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO

2.1. Lugar de fala

Apresentamos aqui conceitos ou noções segundo algumas autoras estudadas, para, em seguida, os utilizarmos nas análises das entrevistas e nas observações realizadas. Um dos conceitos que será utilizado nessa pesquisa é o conceito de *lugar de fala*, que é quando as pessoas se manifestam de lugares específicos, nas várias esferas da sociedade, quebrando barreiras da invisibilidade e buscando o empoderamento baseado nas experiências herdadas das ancestrais.

É preciso analisar quando, como e onde as mulheres negras estão falando de si, por si mesmas, como enfrentam a invisibilidade que foi imposta por setores que buscaram silenciar a voz do povo negro na sociedade, assim, é preciso identificar em quem elas se inspiram - em meio a lutas constantes - para manterem a cabeça erguida, em prol de conquistas e para mostrar suas vozes.

Garantir o lugar de fala é, então, buscar garantir a presença das mulheres em todas as esferas da sociedade, de forma igualitária. Sejam elas alfabetizadas ou não. Quando a mulher participa da tomada de decisões necessárias tanto no âmbito familiar (espaço privado), quanto nos lugares em que há necessidade da sua participação (espaço público), ela está ocupando seu espaço na sociedade. Além das atividades domésticas, a mulher deve estar inserida nas produções científicas, nas organizações festivas, na educação escolar dos filhos e nos levantamentos das demandas voltadas ao direito à equidade.

A luta das mulheres negras para ocupar espaços na sociedade, de forma igualitária, tem sido árdua. Romper com as barreiras do silenciamento da voz e invisibilização da atuação das mulheres negras na sociedade não foi - e não é - uma luta fácil, pois, a mulher negra ainda é - imposta permanecer na base da pirâmide social, além de ter seus direitos negados e/ou não reconhecidos.

Para Ribeiro (2017, p. 90) “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta”.

A mulher negra é base da pirâmide que sustenta toda a humanidade, mesmo com muita luta para conquistar seus espaços em vários aspectos, ainda são poucas mulheres negras preenchendo lugares “de poder”, como: academias, política e nas atividades que “importam” ao meio social.

As mulheres negras são a base da pirâmide social, mas não foram socialmente reconhecidas como pessoas capazes de tomar decisões e realizar ações em todas as áreas possíveis e necessárias.

A longa luta que as mulheres negras vêm travando e os enfrentamentos para ocupar seu lugar de fala ao longo dos anos mostra que essas mulheres não permaneceram silenciosas e apáticas e sim que foram, propositadamente, ignoradas. Todo o tempo, essas mulheres buscaram dialogar e afirmar a importância de as mulheres negras falarem por si mesmas, pois ninguém tem mais propriedade para falar da realidade vivida dia após dia do quem sente na pele, de forma politicamente consciente ou não. Essas mulheres querem contar suas próprias histórias, elas vêm questionando a importância de sua participação nas diversas atividades da sociedade através de debates, da escrita e também das realizações de ações diárias nas comunidades. Elas buscam ocupar seus espaços também por meio da produção e publicação de trabalhos científicos produzidos por elas mesmas na comunidade, com o propósito de afirmar seus espaços de fala.

As mulheres da comunidade Kalunga Vão de Almas lutam para ocupar seus espaços de fala participando das decisões tomadas através da afirmação da importância das suas atuações nas organizações, e também na luta, propondo demandas que sejam voltadas para a valorização das mulheres, elas buscam exigir o direito ao respeito de ir, vir e também de transmitir/partilhar os conhecimentos adquiridos por e com as mais velhas afirmando que elas devem ser ouvidas, nas atividades desenvolvidas ou na criação de demandas pensadas para melhorar a infraestrutura da comunidade.

Nos preparativos das festas que acontecem na comunidade, por exemplo, elas sempre estão à frente, ocupando lugares que antes eram dos homens. Elas participam dos preparos decorativos, da produção de alimentos, no incentivo aos filhos estudarem, na venda de produtos produzidos por elas, no sustento familiar e também na coordenação das manifestações religiosas, como as rezas. Antes a maioria dessas atividades eram coordenadas por homens e atualmente já

existem algumas mulheres à frente desses papéis. Em ritmo lento, as mulheres vêm ocupando seus espaços nessas atividades. A ocupação das mulheres em determinadas organizações é fruto de luta das mais velhas que transmitem seus conhecimentos para as mais jovens, ocupações que vem crescendo gradativamente, umas das primeiras a ocupar esses lugares foi dona Jandira que é uma grande rezadeira, parteira e raizeira. Elencamos, abaixo, outras mulheres inspiradoras da comunidade Kalunga de Vão de Almas:

1. Finada Getúlia (Rocha): rezadeira, parteira e organizadora das atividades festivas.
2. Dona Daínda: cuida das decorações nos preparativos festivos, ela está sempre à frente das tomadas de decisões organizativas da comunidade e também com posicionamento corajoso no enfrentamento do machismo na comunidade.
3. Dona Brazilina: é rezadeira e colaboradora nas organizações festivas.
4. Deuzami (Fiota): dançadeira de sussa, extrativista e manipuladora de produtos artesanais que são colhidos do cerrado para contribuir na renda da família, participa também de feiras para apresentar os produtos produzidos na comunidade, suas ações tem a finalidade de divulgar os alimentos orgânicos produzidos na comunidade em outros estados da Federação.

As protagonistas citadas acima nunca foram à escola, mas têm conhecimentos riquíssimos que tentam transmitir para a juventude.

5. D. Ester Kalunga: que antes de ingressar na academia já buscava ocupar seu espaço na política, ela já foi vereadora por quatro anos no município de Teresina-GO, atualmente é vice-presidente da Associação Quilombo Kalunga AQK, essa associação gere o Território Quilombola dos três municípios: Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás. Dona Ester também é professora, graduada em Licenciatura em Educação do Campo-LEdoC/FUP/UnB, é – de fato - uma mulher que inspira outras mulheres a ingressarem no meio político.
6. A jovem Vanderleia: é mestrande, professora, articuladora das organizações festivas e criadora/coordenadora do grupo de sussa

Flores e Frutos do Quilombo Kalunga. Ela foi presidente da Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais (Associação Epotecampo). O grupo Flores e Frutos do Quilombo Kalunga, coordenado por Vanderleia, é composto pelos jovens das comunidades Quilombolas com a finalidade de incentivar a juventude a dar continuidade aos saberes passados pelos mais velhos, para que a cultura das comunidades não seja esquecida. Em vídeo, o grupo traz importantes contribuições no incentivo a participação dos jovens nas atividades desenvolvidas na comunidade e manifestações culturais. Nos depoimentos dos integrantes do grupo é perceptível os posicionamentos da juventude ao considerarem a importância de passar os saberes de geração em geração para esses saberes não caírem no esquecimento. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gJEMd9eLHxA>. Acesso em: 16 Maio 2022).

7. Maria Lúcia Martins (Malú): é mestranda, foi presidente da Associação Epotecampo e atualmente é assessora de comunicação na prefeitura do município de Cavalcante de Goiás. Ela participou do intercâmbio Brasil/Suriname no período de sua graduação em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (UnB). Ela é, também, cineasta e fotógrafa.
8. Eriene dos Santos Rosa (Eriene Kalunga): é graduada em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília (UnB), já atuou como docente e atualmente é vereadora do município de Cavalcante Goiás. Ela é primeira mulher negra quilombola kalunga a ocupar a cadeira na câmara de vereadores no município.

São, essas mulheres, alguns exemplos de mulheres negras quilombolas Kalunga que foram se inserindo aos poucos nesses espaços e ocupando-os cada vez mais.

2.1.2. Teatro do Oprimido: ocupação dos lugares de fala.

O Teatro tem um papel fundamental na ocupação e manutenção dos lugares de fala, pois ele estimula os jovens a se inserirem no meio social de

forma emancipadora, dando visibilidade às contradições existentes na sociedade. O Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal (1931-2009) propõe várias técnicas, por meio de jogos dinâmicos, nos quais os personagens interagem com o público e o público se sente como parte do contexto dos temas tratados nas encenações. O Teatro do Oprimido busca trabalhar a formação da consciência crítica trazendo temas relacionados aos acontecimentos diários. Com a formação da consciência crítica, é possível ter um coletivo maior para lutar por direitos, esses grupos de Teatro são formados na maioria por jovens, sem distinção de gênero.

No Município de Cavalcante existem dois grupos de teatro, sendo um sediado na comunidade Quilombola Kalunga Engenho II, esse grupo é coordenado pelos próprios jovens da comunidade com nome de Arte Kalunga Matec. A coordenação é coletiva, com a participação de homens e mulheres. O grupo nasceu no ano de 2008, partindo da observação de uma professora que, na época, percebeu a dificuldade dos jovens da comunidade se expressarem em público. A docente Núria Renata da escola da comunidade foi quem criou o grupo, ela é egressa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LedoC-UnB). O coletivo já tem aproximadamente 14 anos de existência. O objetivo do grupo é envolver a juventude na arte, expressando as inquietações relacionadas as contradições enfrentadas nas comunidades por meio de apresentações teatrais. O grupo vem trabalhando, ao longo desses anos, com a peça Vida de Escravo, que retrata a luta do povo negro pelo direito à liberdade desde o período da escravização até a atualidade, e as lutas pelo direito de serem respeitados e valorizados em uma sociedade que sempre tentou manter nosso povo em condições desumanizadoras.

O segundo grupo tem sede na cidade de Cavalcante de Goiás, ele é composto por jovens de todas as comunidades Quilombolas do município. O nome do é Grupo Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT), é um grupo formado por vários jovens estudantes do Território Quilombola Kalunga dos três municípios: Cavalcante de Goiás, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. Nascido em 2013, o coletivo vem articulando/organizando para dar continuidade a sua existência. O objetivo do grupo é possibilitar a formação da consciência crítica, partindo dos problemas sociais existentes, por meio da linguagem teatral. O grupo é coordenado por homens e mulheres, a participação

feminina na organização do grupo de teatro é fundamental para desconstrução da ideia de que só o homem é capaz tomar decisões, além de acrescentar um olhar “de mulheres” para as questões levantadas. A finalidade do grupo é dar voz para todo público oprimido por uma sociedade racista, machista e exploradora.

Visando romper com a opressão, os dois grupos teatrais buscam envolver a participação de homens e mulheres de forma igualitária. Reforçando a importância da participação da juventude no engajamento na luta contra todos os tipos de opressão.

2.2. Empoderamento Feminino

O empoderamento feminino é um processo de reconhecimento da própria identidade do indivíduo e das coletividades, vindo dos seus ancestrais e das lutas contínuas para que outras pessoas negras se reconheçam também como sujeitos/agentes. A autora Djamila Ribeiro esclarece:

O termo “empoderamento” muitas vezes é mal interpretado. Por vezes é entendido como algo individual ou tomada de poder para se perpetuar opressões. Para o feminismo negro, possui um significado coletivo. Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança. (RIBEIRO, 2018, p.135.)

Empoderamento é o resultado de ações realizadas em prol de fortalecer a autoestima de várias pessoas mostrando a importância da valorização da própria identidade. Essas ações podem ser trabalhadas de muitas formas, elas podem ser feitas através da escrita, do posicionamento sobre a sua atuação na sociedade e também na reafirmação da identidade, trazendo a valorização do conhecimento adquirido por seus/suas ancestrais e herdados deles/delas. Para as mulheres, o empoderamento traz um despertar para busca de elementos capazes de contribuir para sua valorização, principalmente na formação da consciência das mulheres para que elas possam valorizar a si mesmas em primeiro lugar.

Segundo Ribeiro (2018, p. 136):

O empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. É promover mudança numa sociedade dominada pelos homens e fornecer outras possibilidades de existência e comunidade. É enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais entre gêneros e lutar por um olhar que vise igualdade e o confronto com os privilégios que essas relações destinam aos homens. É busca por direito à autonomia por suas escolhas, por seu corpo, por sua sexualidade.

O empoderamento das mulheres negras é fruto de lutas coletivas pela valorização da identidade herdada das ancestrais que lutaram pela quebra do padrão estético que ainda é um dos fatores causadores da baixa autoestima da mulher, principalmente da mulher negra, que foi considerada feia desde o período escravocrata, como forma de inferiorizar a mulher negra, fortalecendo o propósito do homem branco, de objetificar o corpo negro.

Outra ação importante é romper com a lógica da desvalorização da capacidade da mulher ser ou estar onde ela quiser e também lutar pela remuneração de forma igualitária. Para se empoderar é preciso que a mulher adquira sua autonomia, saia da condição de subalternidade e exija ser tratada, nas diversas esferas sociais, com equidade. A luta da mulher não é por superioridade e sim por igualdade. De acordo com Joice Berth (2019, p. 19-20):

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos.

Quando a mulher empoderada está envolvida nas atividades de luta coletiva, onde estimula o interesse de outras mulheres se tornarem membros das lutas, ela está estimulando outras mulheres a se encorajarem, sejam escolarizadas ou não. Esse reconhecimento não acontece da noite para o dia, é um trabalho de formiguinha. É preciso aprender qual é a importância dos saberes herdados dos/das antepassados/as e qual a sua relevância para a

comunidade negra, e também, quem foram e quem são as pessoas que lutaram para nossa existência hoje.

Essas mulheres da comunidade se empoderaram por meio das ações desenvolvidas, tais como: nos preparativos das festas que acontecem na comunidade, nos processos de produção de alimentos para o próprio consumo, no cuidado com medicamentos caseiros, na luta pela existência e permanência das manifestações culturais e no incentivo direto e indireto da luta contra a submissão ao patriarcado.

Suas ações mostram que as mulheres devem estar em lugares de poder, e que são capazes tomar decisões importantes para a comunidade/sociedade. Assim, elas estimulam as jovens a se tornarem independentes e conquistar sua autonomia por meio da valorização da estética negra e ocupação de espaços nas diversas atividades comunitárias

2.3. Protagonismo

Protagonismo é a representação do encorajamento das mulheres negras que servem como espelho para outras, elas são incentivadoras das demais mulheres que buscam alcançar seus objetivos e enfrentar todas as formas de opressão que existem na sociedade.

As mulheres negras foram protagonistas na história do povo negro em África e no Brasil – como em todo o continente americano - no decorrer dos séculos, pois essas guerreiras, a todo momento, estiveram na linha de frente em defesa de suas famílias, amigos e comunidades, lutando contra os maus tratos sofridos pelas pessoas e comunidades negras.

As anciãs foram as grandes responsáveis pelo sustento familiar, desde muito jovens assumiram grandes responsabilidades, e foram bem firmes nas decisões que tomavam e tomam até hoje, as jovens mulheres se empoderaram com as mais velhas e com aquelas que não estão mais entre nós, e assistimos nossas mais velhas, passar suas ferramentas e estratégias de luta para as mais novas. Mulheres como a Deusami, Dainda e finada Getúlia são exemplos para juventude que - mesmo com os desafios diários - buscam enfrenta-los de cabeça erguida.

Mulheres negras não andam sós, somos acompanhadas por toda uma linhagem de mulheres que não apenas sobreviveram às injustiças, crueldades e desumanizações, descendemos de mulheres que priorizaram a busca por uma vida plena, livre e feliz para toda a comunidade preta, ainda que em meio aos enfrentamentos diários.

2.4. Licenciatura em Educação do Campo

O curso Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) surgiu de lutas da população menos favorecida que não aceitaram o modelo de ensino imposto, no qual o conhecimento teórico se encontra totalmente dissociado da prática e restrito a apenas alguns setores da sociedade. A Educação do Campo é fruto de Políticas Afirmativas conquistadas pelos trabalhadores camponeses. O curso é ofertado na modalidade de alternância pela Universidade de Brasília -UnB, no campus Faculdade UnB Planaltina-FUP desde 2007, com finalidade de formar professores para atuar nas escolas do Campo e nas associações comunitárias.

A LEdoC trouxe-me a possibilidade de ter uma graduação, que como mulher negra, mãe com um filho de um ano, não teria oportunidade de ingressar em outro curso naquele momento, devido ser mãe camponesa e não ter condições financeiras de me manter em outro curso de formação superior. Após o lançamento do edital do vestibular em Licenciatura em Educação do Campo com requisito de avaliação da nota adquirida pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), minha amiga me inscreveu no edital pelo sistema de cotas. O vestibular tinha dois critérios de avaliação, um pelo sistema de cotas e o outro pelo Sistema Universal.

Como não acreditava na possível aprovação não levei a sério, pois não imaginava, pensava comigo mesma, “depois de ficar fora do contexto escolar por seis anos, como conseguiria ser aprovada para realizar ensino superior?” Minha amiga já tinha sua mãe como egressa da LEdoC e me inscreveu, fui aprovada na primeira chamada. Ainda sem acreditar na minha aprovação realizei a minha matrícula dentro do prazo.

No início foi difícil, estava me inserindo no meio acadêmico, lugar onde a linguagem é totalmente diferente do meu cotidiano, as dificuldades de interpretação de leitura, exposição na frente de outras pessoas sempre foram

elementos desafiadores para mim. No decorrer dos semestres fui percebendo que outros colegas também tinham as mesmas dificuldades e, aos poucos compreendi que essas dificuldades não eram só minhas, mas de várias pessoas com realidades parecidas com a minha. Pessoas que tiveram acesso à educação de forma muito restrita, assim como milhares de pessoas, além da falta de compromisso do Estado em manter a formação continuada de professores/as impondo o modelo de ensino que não contempla os problemas da classe trabalhadora e menos ainda, das populações do campo e dos povos tradicionais.

A LEdoC trouxe a possibilidade para muitas mulheres moradoras das comunidades Kalunga, de realizarem a graduação para ampliar o conhecimento acadêmico e buscar ferramentas de lutas para o enfrentamento da desigualdade social e lutar juntamente com as matriarcas não escolarizadas. O curso me reconectou com a minha ancestralidade, trazendo a importância de valorizar minha cultura, minha identidade e o trabalho coletivo.

Durante os semestres em Tempo Universidade, aprendi respeitar as diferenças de cada colega de quarto e conviver com a saudade do meu filho. No Tempo Comunidade, vivenciei a realidade dos moradores de perto, por exemplo, a distância percorrida pelos estudantes até chegar à escola. Através da graduação, consegui compreender os problemas e contradições existentes na minha comunidade e também entender os processos de lutas anteriores.

O curso me trouxe a oportunidade participar da Ciranda da LEdoC. A Ciranda é um projeto criado com objetivo de dar apoio as mães que não têm com quem deixar seus filhos na comunidade para estudar. Durante as aulas, alunos se organizavam em escala para ajudar e cuidar das crianças para as mães não serem prejudicadas.

Particpei do Subprojeto de Extensão do Residência Pedagógica, ele me reaproximou da minha escola de inserção com realização de pesquisas e preparação de materiais pedagógicos para a escola.

O curso é uma janela que nos permite visualizar vários caminhos para seguir na luta, pensar em ferramentas de lutas por uma Educação ampliada para o povo do campo na comunidade e também pensar estratégias de enfrentamento contra a tentativa de destruição do Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga por meio do trabalho coletivo.

CAPÍTULO III: MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS: LUGAR DE FALA, EMPODERAMENTO E PROTAGONISMO

3.1. Empoderamento da Mulher negra na Comunidade Vão de Almas

O Empoderamento da Mulher negra na comunidade Vão de Almas parte do processo de reconhecimento da própria identidade do indivíduo e das coletividades, vindo das suas ancestrais e das lutas contínuas para que outras mulheres se reconheçam também como agentes luta. As moradoras da comunidade consideram todo aprendizado herdado das mais velhas como elementos fundamentais para engajamento na luta coletiva e assim incentivarem a juventude feminina a adquirir auto estima e a se sentirem capazes de realizar todas as atividades desenvolvidas na comunidade.

Por meio das atividades é possível compartilhar conhecimentos herdados das mais velhas, tais como: nos preparativos das festas que acontecem na comunidade, nos processos de produção de alimentos para o próprio consumo, no cuidado com medicamentos caseiros, na luta pela existência e permanência das manifestações culturais e no incentivo direto e indireto da luta contra a submissão ao patriarcado. Ao longo dos anos essas mulheres vêm mostrando que são capazes de desenvolverem todas atividades realizadas na comunidade de forma igualitária aos homens. O trabalho coletivo desenvolvido na comunidade estimula as jovens a se tornarem independentes e conquistar a autonomia por meio da valorização da estética negra e ocupação de espaços nas diversas atividades comunitárias.

Percebe-se que o Empoderamento das moradoras é resultado de ações coletivas das mulheres negras da comunidade e de outras mulheres negras do território quilombola que sempre lutaram e incentivaram as mulheres se auto afirmar como sujeito de luta ativa / continua com o propósito de mostrar a importância da atuação da mulher na sociedade.

3.2. Pertencimento Racial.

O Pertencimento Racial se dá pela classificação de determinado grupo étnico, que tem traços históricos de luta e vivências culturais em comum. Ele traz agrupamento de vários elementos com pontos característicos parecidos que reafirme que essa população pertence a uma raça específica, que se auto afirma a partir da construção da identidade. A construção da identidade do povo negro é marcada por luta pelo direito à liberdade, na luta contra o racismo, na realização das manifestações culturais, pela crença, pelo respeito a diversidade, pela importância do trabalho coletivo, costumes, modo de vida e pelo respeito a natureza.

As mulheres negras da comunidade Vão de Almas reafirmam a sua identidade através de todo conhecimento herdado de suas ancestrais passado de geração para geração. A aceitação da beleza natural é uma ferramenta fundamental para mulher negra afirmar sua capacidade de ocupar determinados espaços na sociedade principalmente no enfrentamento da discriminação racial.

As mulheres mais velhas da comunidade são figuras importantes na formação da identidade das jovens quilombolas Kalungas da comunidade do Vão de Almas, em suas memórias, essas mulheres trazem o legado de aceitação de suas ancestrais e assim elas servem como espelhos para a juventude.

3.3. Comunidade Kalunga: Poder Feminino

O poder feminino na comunidade vêm ganhando força, as mulheres estão reafirmando a diariamente a capacidade de todas mulheres exercer todas atividades desenvolvidas na comunidade de forma igualitária aos homens. Elas estão sempre provando suas habilidades, tendo primeiramente a valorização da autoestima, com a realização de diversas atividades e tomadas de decisões relacionadas aos interesses da comunidade mostrando que não querem ser superiores aos homens, e sim mostrar o potencial feminino de realizar todas atividades de forma igual aos homens.

Hoje as mulheres quilombolas Kalungas estão em vários cargos de diferentes instâncias, estão nas instâncias de poder, como na presidência das associações, na câmara de vereadores, na direção de escolas, nas secretarias

dos municípios. Pouco a pouco estão ocupando os espaços que antes eram ocupados somente por homens.

3.4. Mulher de fala: A Kalunga Inspiradora

A kalunga inspiradora tem um papel fundamental na construção da identidade da mulher na comunidade. Primeiramente ela inspira outras mulheres que estão a sua volta se auto valorizar enquanto mulher negra, na luta pelo direito feminino de ocupar lugares de fala nas ações relacionadas aos interesses da comunidade. A mulher inspiradora é o espelho para as outras participar da luta ativa. Ela está presente na realização das atividades desenvolvidas na comunidade, nas tomadas de decisões, ela estimula outras mulheres se encorajarem para enfrentar os desafios diários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas respostas fornecidas pelas entrevistadas, foi possível concluir que as mulheres vêm lutando, ao longo dos anos, para ocuparem seus lugares de fala nas diferentes esferas de poder, trazendo com elas a importância do lugar de fala, empoderamento e protagonismo passados de geração em geração, objetivando incentivar outras mulheres, principalmente a juventude, que dará continuidade a essa luta.

As mulheres não lutam para ter superioridade sobre os homens, mas sim para que suas capacidades sejam reconhecidas de forma igual, buscando provar a importância da atuação feminina e ser aceita em uma sociedade que buscou colocar em posições inferiores a luta feminina e o protagonismo das mulheres, exaltando o homem como ser superior, principalmente quando pensamos em mulheres negras que foram historicamente colocadas no lugar mais baixo da pirâmide social.

As mulheres vêm conquistando seus lugares de fala em processo lento, mas de forma positiva. Essas conquistas vêm ganhando forças devido ao incentivo das matriarcas que lutaram e deixaram seu legado de lutas, fomentando a importância da ocupação das mulheres nos diversos espaços, incentivando a juventude negra lutar e conquistar, cada vez mais, nossos lugares de fala.

O trabalho realizado trouxe contribuições fundamentais para minha formação pessoal e profissional, desde a leitura/análise dos referenciais teóricos até a finalização da pesquisa de campo com as mulheres da minha comunidade. Através dele foi possível ampliar a minha compreensão da luta contínua das mulheres, principalmente das mulheres negras, pelo reconhecimento dos nossos direitos, direitos historicamente negados por uma sociedade que visa valorizar/enaltecer apenas atividades realizadas por homens, principalmente homens brancos.

As mulheres negras vêm ao longo dos anos lutando e conquistando seus espaços de fala nas diversas esferas de poder, pouco a pouco esses lugares vão sendo ocupados graças ao legado deixado por nossas ancestrais.

Viva a luta das mulheres, viva a luta das mulheres negras!

ANEXOS

Questionários

-Nome completo, idade, profissão, escolaridade, saber empírico e estado civil.

-Local de nascimento?

-Responsável pelo sustento familiar?

-Quais atividades são desenvolvidas na comunidade?

-Quais ações são realizadas na comunidade?

-Quais saberes foram herdados dos ancestrais?

-Qual a importância de passar os saberes adquiridos aos jovens?

-Como e quais ações são desenvolvidas para incentivar outras mulheres valorizarem a própria identidade?

-Como aprendeu valorizar a própria estética natural?

-Você acredita que o racismo é o principal causador da baixa autoestima da mulher do povo negro/preto?

-As mulheres usam algum produto no cabelo por não aceitar sua espessura natural?

-Você gosta da cor da sua pele? O que é beleza você?

-Você já enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade para realizar alguma atividade por ser mulher negra/preta?

-Existe separação de gênero nas atividades desenvolvidas na comunidade? Por quê?

-Os homens aceitam a participação das mulheres nas organizações realizadas na comunidade

APÊNDICES

Fotos contextual da comunidade Vão de Almas e alguns alimentos produzidos no local

1. Vão de Almas



2. Vão de Almas



3. Vão de Almas

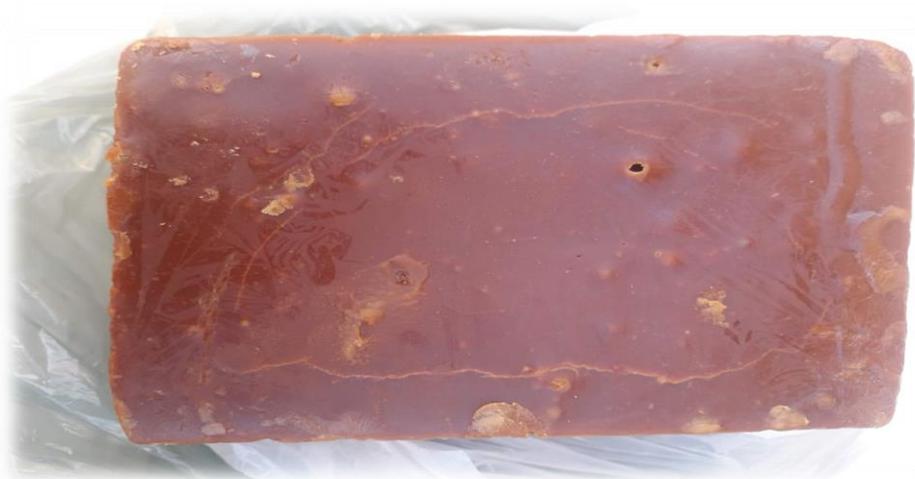


Figuras 1, 2 e 3: Fotos de Alair Pereira das Virgens

Fotos contextual da comunidade Vão de Almas e alguns alimentos produzidos no local



4. Rio capivara



5. Rapadura



6. Banana maçã



7. Banana Prata



8. Bolsa de Algodão



9. Colher de Pau

Figuras 6, 7, 8 e 9: Fonte: Pesquisadora.



10. Romaria de Nossa Senhora da Abadia. Foto: Diana Pereira das Virgens



11. Produção de farinha de mandioca. Fonte: Pesquisadora

REFERENCIAS

BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e Negro: Olhares Sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC: Editora UNESP, 1998.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORGES, Eva Santana Alves. **A Influência do Trabalho na Escolaridade da Mulher Negra no Município de Cavalcante Goiás**. (Trabalho de Conclusão) – Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo desigualdade no Brasil**. São Paulo: selo negro, 2011.

COELHO, Raiane Gonçalves dos Santos. **Teatro Político Como Luta Emancipatória das Comunidades Tradicionais**. (Trabalho de Conclusão) – Curso Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2018.

COMBATE, Racismo Ambiental. **Afrocentricidade em Questão**. 12, Jun. 2013.

COSTA, Souza Vilmar. **A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. (Trabalho de Conclusão de curso) -Curso Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2013.

DAVIS, Angela; CANDIANI, Heci Regina. **Mulheres Cultura e Política**. 1ª ed. São Paulo Boitempo, 2017.

DIAS, Daiana dos Santos. **Um olhar Afrocentrado sobre as Mulheres Kalunga da Comunidade Vão de Almas**. 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em Educação do Campo UnB, Brasília, 2017.

Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em 16/06/2022.

Disponível em: <http://terraemcena.blogspot.com/2018/08/?m=1>. Acesso em 16 jun. 2022.

Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/movimento-negro-unificado-completa-42-anos-como-fundamento-da-luta>. Acesso em: 05 Out. 2021.

Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98186/decreto-4887-03>. Acesso em 06 Out. 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gJEMd9eLHxA>. Acesso em 16 jun. 2022.

DOVE, Nah. **MULHERISMA AFRICANA: Uma Teoria Afrocêntrica**. Jornal de Estudos Negros. Sage Publications inc. vol. 28, nº5. 515- 539, 1998.

GARCIA, Keyla Morales de Lima. **Teatro: Formação da consciência em perspectiva coletiva e dialética.** In: ROCHA, Eliene Novaes et al. Residência Agrária da UnB. Caderno 4. São Paulo. Outras expressões, 2015.

GUDINHO, Maria Lúcia Martins. **A folia de São Sebastião no Povoado de São José em Cavalcante Goiás: Uma experiência em letramentos múltiplos.** (Trabalho de Conclusão de curso) – Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2017.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para todo mundo.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HUDSON, Weems Clenora. **AFRICANA Mulherismo: UMA ALTERNATIVA PRO-MULHER PARA A brancura do ‘feminismo’.** São Paulo: Editora Ananse, 1993.

MEC; SEF. **Uma história do povo Kalunga /Secretaria de educação fundamental.** Caderno de atividades e encarte para o professor. MEC, 2001.

MUKASONGA, Scholastique; GARCIA, Marília. **A Mulher de Pés Descalços.** São Paulo: editora nós, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?** 1 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: Lugar de Fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RODRIGUES, Joelma. **Kundola o motéma nzelá: “lembrar-se do caminho”.** Belo Horizonte: Ed. Mulheres/ Ed. PUC Minas, 2005, v. 1, p. 137-167.

SANTOS, Cassiana Rosa dos. **Teatro e questão Racial: experiência em construção do coletivo Vozes do Sertão Lutando por Transformação.** (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2018.

SOBRAL, Cristiane. **Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção.** 2ª ed. Brasília: Teixeira gráfica e editora, 2018.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras.** Rio de Janeiro: ed., Pallas, 1996.

TORRES, Sideni Cesário de. **Documentários no Território kalunga: Análise dos Filmes Entre Vãos e Império e suas Raízes.** (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso Licenciatura em Educação do Campo, UnB, Brasília, 2014.